

## A Poética no Trabalho de Ilca Barcellos

Marina Martins Amaral<sup>1</sup>

O inimaginável parece nunca esgotar-se na obra de Ilca Barcellos. Sua produção é marcada pela tradição e contemporaneidade, arte e ciência, instiga a imaginação trabalhando com o possível e o impossível. Nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, Ilca foi professora de biologia durante 27 anos, fez mestrado em Botânica na Université de Pierre et Marie Curie (França). Atualmente dedica-se intensamente à cerâmica escultórica, e desenvolve seus trabalhos nas Oficinas de Arte da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) com Betânia Silveira e no atelier da ceramista Silvina Gallo.

O Trabalho de Ilca Barcellos trás uma visão científica e poética. A artista desenvolve criaturas híbridas, fósseis, embriões que quebram com as regras naturais. Em seu universo particular Ilca encontra liberdade para revelar todo seu prazer criador.

A artista já participou de inúmeras exposições nacional e internacionais, coletivas e individuais. Sua primeira exposição individual “Ludo transgenia” apresentou criaturas bizarras e disformes trazendo como referência a natureza e o universo Surrealista. Este trabalho foi dividido em três partes: a Criação, a Maturação e a Maturidade. Em cada peça podemos perceber a elegante precisão de gestos escultóricos que cativa o olhar, tornando a peça em argumento estético.



Exposição “Ludo transgenia” - 2007

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade do Estado de Santa Catarina no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, na linha de pesquisa de Teoria e História da Arte (2014). Atualmente doutoranda do Programa de Pós Graduação em Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de Shakespeare in Performance.

Ao longo de 2007 e 2008 a mostra “Ecos da Pele” expõe um conjunto de peças cerâmicas que desenvolve o tema multiplicação e gênese de seres fantásticos a partir da superfície, da pele de outros. O tema relaciona-se intimamente com seu processo de criação já que a matéria-prima cerâmica entra em contato direto com a pele. Da argila brotam ecos transbordantes, surgem seres dominados por fissuras, vivos em estiramentos, invadidos por ranhuras e cicatrizes. Em sua pregas e circunvoluções instala-se a identidade mutante deste órgão revestidor. Tecidos que fazem-se, desfazem-se e refazem-se processo contínuo.

Ilca usa os volumes e reentrâncias criando ondas que chegam para o espectador como convulsão estética que grita por atenção. *“A pele surge com um arquipélago de possibilidades que muda continuamente a sua plasticidade, cujo resultado é a diferenciação de ilhas de vida, ou de seres, que se diferenciam, se relacionam e se deslocam do corpo materno para o reconhecimento de seu habitat.”* (Blog Ilca barcellos).

Ao atribuir a pele como objeto de pesquisa Ilca desencadeia uma reflexão profunda sobre identidade e memória. Fayga Ostrower ao referir-se sobre este tema ressaltou que nossa memória não é factual, mas sim uma memória vivida, com novas interligações e configurações constantes, aberta a associações. A pele, por sua vez, sendo uma superfície porosa, se expande para o imaginário coletivo, tomando as dimensões também de uma memória coletiva. A série “Ecos da Pele” de Ilca Barcellos é o que chamo de poesia expandida, onde mistérios materializados em nervuras convidam o espectador a aproximar-se e desvendá-lo.



Exposição “Ecos da Pele” - 2008

Ao realizar a exposição “La génétique hedoniste”, também em 2008, no Canadá, Ilca Barcellos recebe grande prestígio. Seu trabalho é associado a metaficção e acolhida pela ideia do Realismo fantástico Sul Americano. Sabemos que não tratamos aqui de literatura, mas este movimento não se restringe apenas a literatura. O trabalho de Ilca aflora o fantástico dentro do real. O professor de história da arte Adson Bozzi Lima diz que “*Se Garcia Marques criou uma cidade ficcional, Macondo, na qual muitos dos seus romances foram ambientados, Barcellos, por sua vez, tem a sua própria cidade, inteiramente habitada por instigantes criaturas que se dobram e se retorcem como se não fossem de argila queimada, mas de uma estranha matéria maleável e flexível*”.

Podemos fazer uma relação do trabalho de Ilca com o de Walmor Corrêa, que cria espécies fictícias, também unindo a ciência e arte. Em ambos os artistas podemos perceber que a obra pode ser bela, justa e verdadeira no plano das ideias, da estética. Tudo é possível quando referimo-nos a experiência visual, as verdades tornam-se simbólicas e a imaginação é conduzida pelos simulacros pós modernos. Ilca e Walmor fazem-nos provar o real através do imaginário, apresentando-nos uma bela e perversa natureza. A obra mantém-nos envolvidos por esta natureza estranha e sedutora, que ao mesmo tempo parece-nos absurda e tão natural.

A artista constrói um universo paralelo que obedece uma lógica própria. A linguagem realista e o conhecimento técnico de Ilca condizem com o momento contemporâneo, ao mesmo tempo que os objetos são reais e são imaginários. Disparando os sentidos em busca de referências visuais, isto existe? Ou não existe? Isto é ou não real?



Exposição “La génétique hedoniste” - 2008

Na série “concrecentes”, exposta em 2011, possui 120 peças que abordam a temática da pulsação da vida. Buscando inspiração em estruturas vitais ligadas a manifestação da vida, Ilca compõe peças que aparentemente denunciam-se frágeis e pequenas porém carregam a missão de se alterarem. Nesta obras podemos ver embriões, ovóides, concreções e fósseis que segundo a artista engendram a ideia da vida e precipitação nas suas diferentes temporalidades.

Segundo Ilca os trabalhos “Concreções”, de 2009, referem-se indiretamente às bioconcreções fósseis *“As concreções tomam, portanto, a própria matéria orgânica que utilizo em minhas esculturas como ponto de partida. Esta seria, dentro de meu imaginário, capaz de brotar sozinha, de dar origem a novas formas, seria mais um receptáculo da vida. Através de “ondas de evolução” a argila daria origem a seres mutantes polimorfos, amebóides, tentaculares, que nomeio concreções. Surgem como seres oriundos de tempos remotos, cuja forma é determinada pelo movimento sutil de projeções amebóides.” (Ilca Barcelos).*

Ilca nas obras com nome “Fósseis” trata o tema de prever a vida em um suporte. O fóssil em si contém a ideia de memória, de permanência e ao mesmo tempo de passageiro, transitório, definições opostas que acabam atribuindo ao objeto um caráter incerto e duvidoso. É desta forma utilizando as formas dos embriões, ovóides, concreções e fósseis que a artista reproduz diferentes ciclos temporais de vida.

A criação de inventários que resgatem a perda da memória, seja isto através fábulas individuais ou de resgastes na natureza que tende a esquecer sua origem, é aceito pela arte experienciada no cotidiano, quando, claro, disposta às exigências da contemporaneidade. Ilca Barcellos mistura arte, ciência e mito, usando referencias passadas para tramar um jogo evolutivo. Transforma o conhecimento científico em ficção, criando uma fauna particular e não menos verdadeira. O barro se faz em ousadia. Formas improváveis e orgânicas transformam-se em sedutora fantasia, levando-nos a uma viagem evolutiva tão real quanto suas obras, que sussurram dissimuladamente que tudo possui um começo, um meio e um fim.

#### Referências Bibliográficas:

ROCHA, Cleomar. Arte: limites e contaminações. Salvador: ANPAP, 2007. ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP: 15, 2006 Salvador, BA.  
<http://ilcabarcellos.blogspot.com/> - Acessado em 28/11/2010  
<http://www.walmorcorrea.com.br/php/textos.php?id=12&pag=8&lang=pt> - Acessado em 28/11/2010